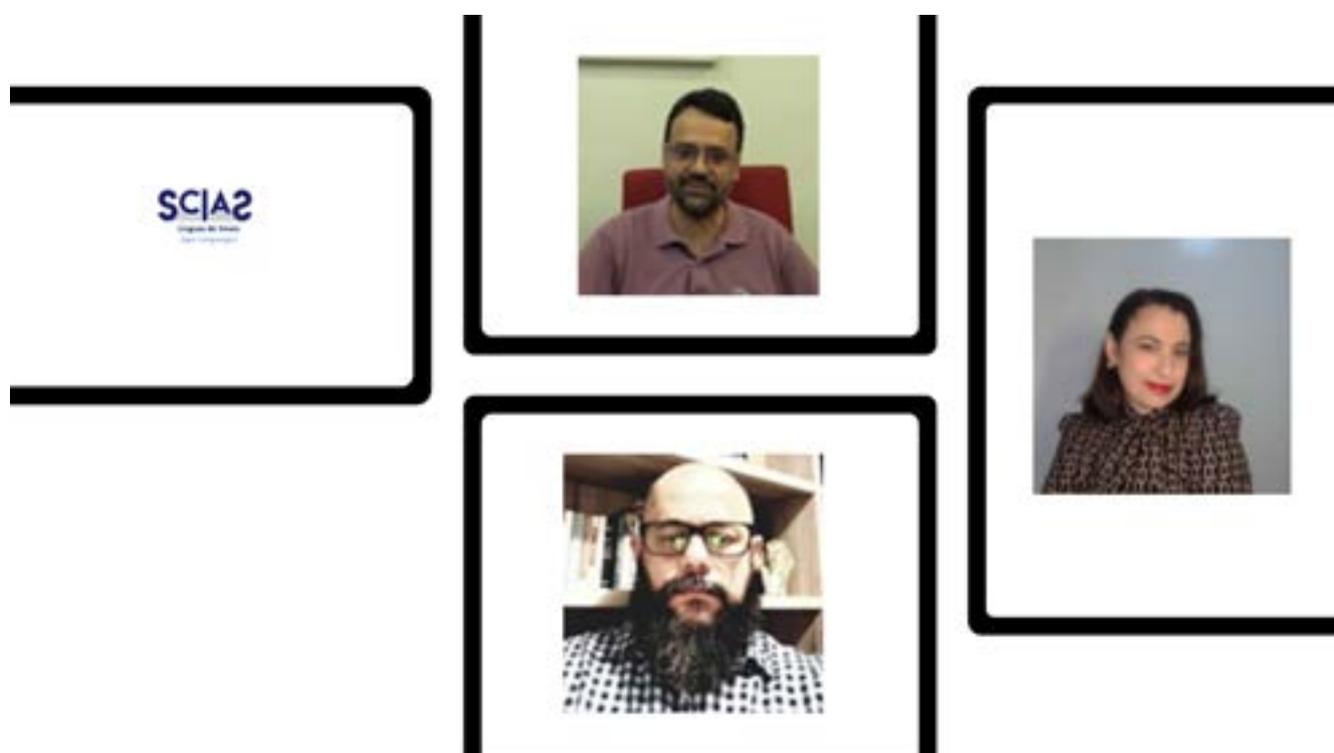


Notícias, reflexões e o sentimento de dever cumprido



Sujeitos e Reminiscências da FaE

Este número apresenta as memórias do professor Mauro Giffoni de Carvalho, ex- diretor da FaE.

Scias - Línguas de Sinais

Foi aprovado, recentemente, pelo edital 01/2021 da EdUEMG, um novo Periódico da FaE, ligado ao NECT e COED. Revista Scias - Línguas de Sinais

Observatório da Juventude

Professores da Faculdade de Educação da UEMG criam o Observatório da Juventude

Centro de Pesquisa e os Núcleos da FaE



Imagem: Acervo Pessoal

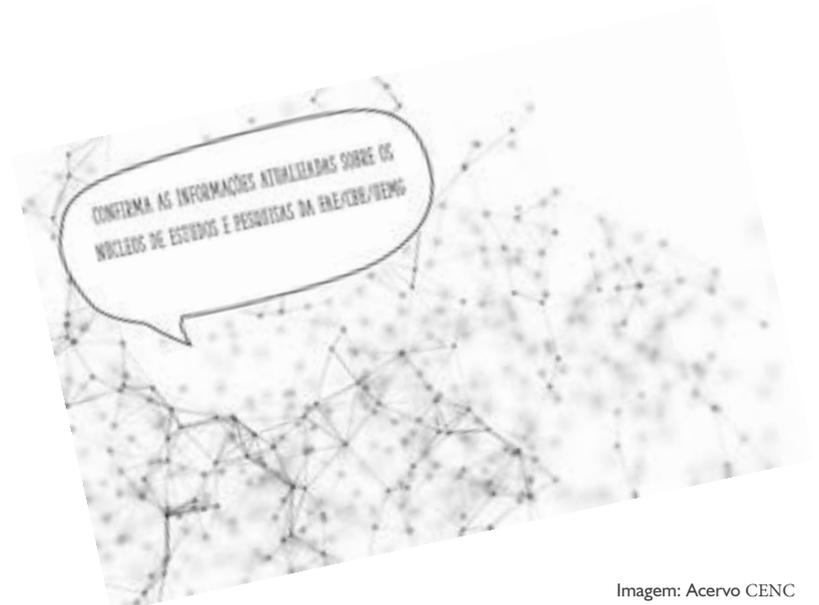


Imagem: Acervo CENC

“O Centro de Pesquisa é um órgão colegiado técnico-consultivo das Câmaras Departamentais e do Conselho Departamental da FaE/CBH/UEMG, em matéria de coordenação, acompanhamento e avaliação das atividades de Pesquisa da Instituição. [...]”

Os objetivos do Centro de pesquisa são:

- Constituir-se em polo de apoio e incentivo à pesquisa em educação na FaE/CBH/UEMG;
- Promover, debater e fazer circular ideias e conhecimentos sobre os diversos temas de pesquisa;
- Promover intercâmbio com outros Centros de Pesquisa;
- Promover o intercâmbio com agências financeiras de pesquisa.”

O Centro de Pesquisa, atualmente coordenado pela professora Danielle Lameirinhas Carvalhar, é composto por uma série de Núcleos de Estudos e Pesquisas. Abaixo segue a tabela atualizada com os Núcleos, seus coordenadores, atualizada em agosto/2021.

NÚCLEOS DE PESQUISA FAE/CBH /UEMG - 2021		
	NÚCLEO	COORDENADOR(A)
1	COED – Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Conhecimento e Educação	Aline Choucair Vaz
2	GEPICE – Grupo de Estudos e Pesquisas em Infância(s), Crianças e Educação.	Patrícia Nery
3	NECT - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Comunicação e Tecnologia	Juliana Cordeiro Soares Branco
4	NEMAS – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Meio Ambiente e Saúde	Ely Roberto da Costa Mendes
5	NEPEJA – Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos	Nágela Aparecida Brandão
6	NEPEL – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem	Daniela Perri
7	NEPER – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Relações Étnico – Raciais da Faculdade de Educação/CBH/UEMG	Vitória Régia Izaú
8	NEPESF – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Sociologia e Filosofia	Laurici Vagner Gomes
9	NEPHE – Núcleo de estudos e pesquisas em história da educação	Vera Lúcia Nogueira
10	NEPPP – Núcleo de Estudos e Pesquisas de Psicologia da Educação e Psicopedagogia	Regina Rosa dos Santos Leal
11	NEPPE – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais	Liliana Borges
12	NFTD – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores, Trabalho Docente e Discurso Pedagógico	Neide Elisa Portes dos Santos
13	Observatório das Juventudes	Francisco André Silva Martins
14	POLIS e MNEMOSINE: Cidade, Memória e Educação	Lana Mara de Castro Siman
15	Tessitura de nós – Núcleo de estudos, pesquisa e extensão em gênero, sexualidade e educação	Daniela Passos

Imagem: Acervo Centro de Pesquisa

O PIBID durante a pandemia

Adriana Aparecida de Souza Mota

O PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência tem uma nova equipe composta por três escolas, que ingressaram em outubro de 2020. Neste período as aulas seguiam em regime remoto, tanto as aulas das escolas que fazem parte deste sub-projeto, quanto as aulas na FaE. A FaE apresenta um grupo de alunos coordenado pela professora Amanda Tolomelli Brescia, subdividido em 3 escolas. O núcleo da E. E Professora Adir Andrade Albano, no bairro Lagoa-BH é supervisionado pela professora Pollyanna Nery. As atividades e produção de materiais realizados pelos "Pibidianos" agregam o conhecimento nas práticas pedagógicas escolares em diversos âmbitos que englobam o ensino no processo de alfabetização, a família e a escola.

Os encontros semanais de cada grupo dividido por escola são realizados pelo Google Meet, com pautas que se relacionam com o cotidiano da escola, com a participação dos alunos e com o que buscamos produzir para que os momentos de contato dos alunos com a professora supervisora, a Pollyanna, possam ser potencializados. Os desafios do ensino remoto nos meios virtuais, a baixa adesão dos alunos às aulas, o planejamento, as diferenças de trabalho entre redes de ensino, o processo de aprendizado e os resultados são algumas das questões que temos enfrentado. Também, desde o mês de junho falamos sobre as medidas e protocolos de retorno às aulas presenciais, e os cuidados quanto ao distanciamento, saúde dos profissionais da educação e atendimento à comunidade, esclarecendo que nós, bolsistas de iniciação à docência continuamos atuando remotamente.

Dentre as atividades realizadas tivemos: avaliação diagnóstica para os anos iniciais da alfabetização em matemática e língua portuguesa, contação de histórias, e questões relacionadas ao Plano de Ensino Tutorado (PET), bem como gravação de vídeos diversos. As atividades foram postadas no blog <https://pibidalfabetiza.wordpress.com>, como forma de arquivo para colegas e divulgação do trabalho realizado. Fica o convite para que vocês possam navegar e divulgar nosso blog.



Ainda este ano, participamos do 1º. Seminário do PIBID e Residência Pedagógica da UEMG - Unidade Barbacena, refletindo sobre o tema Formação de professores: Práticas e possibilidades em tempos de pandemia. O encontro virtual aconteceu dos dias 14 a 16 de julho deste ano. Os alunos Antônio Fam (5º período), Adriana Mota (7º período), e Gabriela Freitas (6º período), juntamente com a professora Amanda Tolomelli apresentaram o seguinte trabalho: PIBID no contexto da pandemia: uma análise antropológica das possibilidades educativas em tempos remotos.

O PIBID é de grande satisfação e importância para os bolsistas, mas infelizmente as bolsas em todo país estão em atraso desde o mês de outubro. Nós, alunos da FaE decidimos não parar nossas atividades e permanecer em prol da educação. Busque conhecer mais sobre o programa! É este o nosso convite!

Estratégias de Ensino e Aprendizagem em contexto Pandêmico

Matheus Rodrigues Dutra Bernardo
Rafaella Gomes da Silva Santos
Nayara da Silva Vieira
Maria Esperança de Paula
Faculdade de Educação/CBH/UEMG

O curso de Pedagogia da FaE/CBH/UEMG, participa do Programa Residência Pedagógica desde o edital de 2019. Segundo a CAPES (2020), esse programa envolve a participação de discentes em licenciatura a partir da metade do curso e tem como alguns de seus objetivos integrar a teoria adquirida na Instituição de Ensino Superior (IES) com a prática no ambiente escolar, proporcionando a aproximação entre as IES e as escolas da Educação Básica.

Nós, Matheus Bernardo, Nayara Vieira e Rafaella Santos, fomos selecionados/as a partir do Edital nº 04/2020. Iniciamos nossa atuação na Escola Estadual Bueno Brandão orientados pela professora preceptora Valdinéia Gomes Porto. Devido à pandemia COVID-19, desenvolvemos ações e atividades pedagógicas em regime de ensino remoto, iniciando-as após estudarmos as necessidades da escola dentro do módulo ambientação, que é a etapa em que residentes conhecem as demandas da escola participante do Residência.

A partir de nossas observações em grupos das turmas que acompanhamos pelo aplicativo de mensagens Whatsapp e em reuniões com pais e mães, percebemos que algumas crianças apresentavam dificuldades no processo da alfabetização e de pertencimento à escola. Com base nessas percepções propusemos à preceptora e ao corpo de gestores da escola a realização de atividades de intervenção pedagógica com a finalidade auxiliar as crianças com dificuldades no processo da alfabetização, diagnosticadas durante as aulas no ensino remoto. Inicialmente, iríamos acompanhar 5 estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental I, porém em razão da volta às aulas presenciais, apenas 2 aderiram à intervenção pedagógica.

A priori, buscamos levantar as dificuldades apresentadas pelas crianças e para isso elaboramos uma atividade diagnóstica pelo Google Forms. A atividade foi realizada de forma lúdica utilizando o gênero textual história em quadrinhos, da Turma da Mônica, a partir de ilustrações da nossa própria autoria desenvolvidas no aplicativo Canva.

Identificamos através da atividade diagnóstica que as crianças atingiram a hipótese silábico-alfabética. Na hipótese silábica as crianças compreendem que a escrita representa os sons da fala e conseguem estabelecer uma relação entre grafemas e fonemas. Nesta etapa, o/a/e estudante costuma representar cada som (cada sílaba) utilizando uma letra. Na silábico-alfabética, além disso, as crianças começam a colocar mais letras para representar a emissão sonora. Estas crianças intercalam algumas vezes, representar cada sílaba utilizando só uma letra e representar unidades sonoras menores que são as palavras de forma completa representando todos os fonemas e grafemas que formam a sílaba.

Desenvolvemos, a cada aula, atividades de intervenção, lúdicas e interativas que promovem um trabalho pedagógico de resgate da habilidade de identificar os sons das palavras. As atividades são planejadas por nós por meio do aplicativo Microsoft Teams sob a orientação da preceptora e professora da turma. Essas atividades utilizam jogos, desenvolvidos no software Powerpoint e abordam temas de interesse das crianças previamente levantados, como Pokémon. Além disso, fomentamos o hábito de leitura, realizando um momento de contação de histórias no início de cada intervenção. Esse momento proporciona também uma estratégia de acolhida e preparação para a atividade do dia.

Portanto, a nossa atuação como residentes pedagógicos vem ao encontro do objetivo do programa: conciliar as teorias apreendidas na faculdade com a prática realizada na escola da Educação Básica. Percebemos também que o nosso projeto de intervenção baseado em atividades atrativas, relacionadas ao interesse e contexto dos alunos, pode auxiliar no desenvolvimento das habilidades e das competências conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nossos esforços pedagógicos devem continuar sistematicamente buscando novos projetos de docência que possam contribuir para a formação inicial dos estudantes de licenciatura em pedagogia.

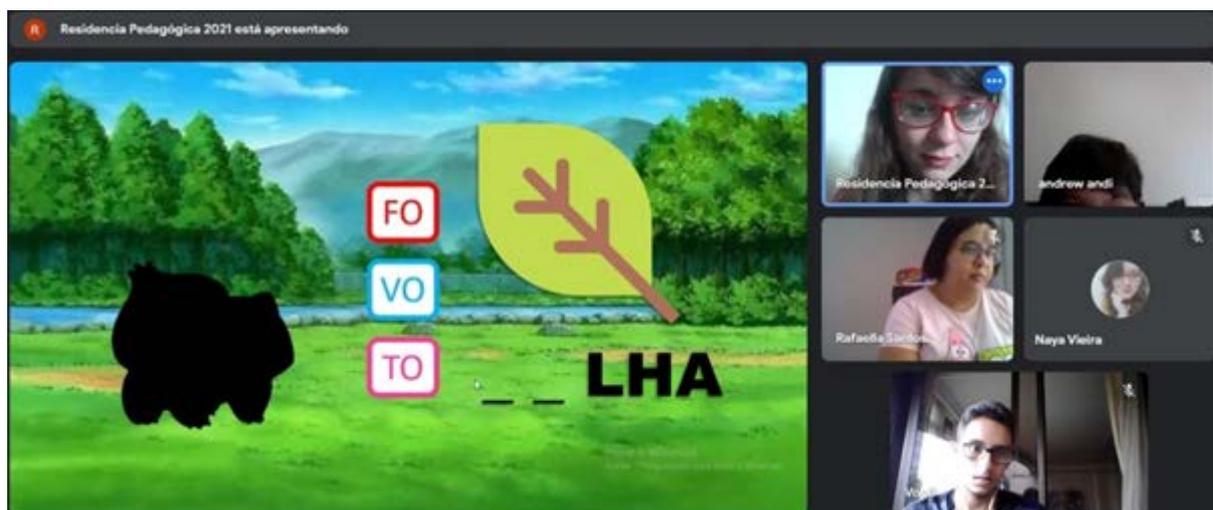


Imagem: Acervo Residência Pedagógica

Observatório das Juventudes da FaE UEMG: um ano de lutas e conquistas

Francisco André Silva Martins

Imagem: Acervo Pessoal

Como diria o samba enredo da Mocidade: “Sonhar não custa nada, não se paga para sonhar...”. E mais, como disse Paulo Freire: “o sonho não é apenas necessário, mas também uma construção da forma histórica social de estar sendo de mulheres e homens” (1992, p. 91-92). Foi nesta perspectiva de um sonho necessário e possível, que há 4 anos um coletivo de professoras (es) da Faculdade de Educação da UEMG vislumbra a fundação do Observatório da Juventude na Universidade do Estado de Minas Gerais. Recém empossados como professoras (es) efetivas (os) desta universidade, elas e eles trouxeram para a Faculdade de Educação, várias afinidades, a saber: projetos, pesquisas, militância e atuação no campo das juventudes. Mais especificamente, suas lutas junto a tais juventudes por justiça social, ambiental, cognitiva, racial e de gênero, que atravessaram o viver e o ser de milhares de jovens na imensidão das diversidades do nosso Brasil.

Esta espinha dorsal – as juventudes brasileiras e suas lutas – uniram as professoras e professores no desejo de fundar o Observatório da Juventude (FAE-UEMG). Inclusive, vários colegas de outras universidades indagavam: “Mas vocês não vão fundar um Observatório na UEMG?”. Movidas (os) por este sonho, tais docentes começaram a trabalhar juntos em projetos de pesquisas e atividades de extensão, com foco no tema das juventudes, e construindo o objetivo maior: a fundação do OJ. Destes trabalhos emergiram experiências importantes como a publicação de um livro, a publicação de artigo em revista, apresentação de trabalhos em eventos nacionais e internacionais, e a realização de oficinas formativas com professores da educação básica. Além disso, nesse nosso primeiro ano de existência, estivemos presentes em todos os eventos da Faculdade de Educação do Campus BH da UEMG. Desenvolvemos também atividades de aproximação com outras universidades e pesquisadores como a mesa “Porque estudar Juventudes?”, que contou com a presença do professor Juarez Dayrell (UFMG), Symaira Nonato (UFMG) e Ivan Faria (Universidade Estadual de Feira de Santana – BA).



Burocracia vencida, cadastramento como grupo de pesquisa no CNPq, tudo isto com auxílio e apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa, da direção da Faculdade de Educação, da coordenação do PPGE, da coordenação do curso de Pedagogia, das orientações do Centro de Extensão e de vários colegas da Faculdade de Educação, em outubro de 2020, em plena pandemia da COVID 19, fundou-se então, o Observatório das Juventudes da Faculdade de Educação da UEMG.

Estamos no início da nossa caminhada por aqui, mas muito bem amparados. Temos tido o apoio do Observatório da Juventude da UFMG, local de formação de vários dos pesquisadores/as que hoje compõem nosso grupo de pesquisa e extensão. Os Projetos em parceria com este observatório estão em pleno funcionamento, e muitas outras parcerias estão em curso. Fica aqui o nosso agradecimento a toda a equipe do OJ UFMG. Em especial, queremos agradecer à professora Licinia, nossa companheira incansável, e ao professor Juarez Dayrell, nosso mestre nesta caminhada.

Atualmente o OJ FAE UEMG conta com cinco professores/as pesquisadores/as: Professora Cirlene Sousa, Liliâne Sousa, Cláudia Ocelli, Luana Carola dos Santos e o professor Francisco Martins; que fazem a gestão colegiada do grupo de pesquisa e extensão. Contamos também com a atuação de bolsistas e voluntários, da graduação e do mestrado. Hoje somos parte componente do GT 03 da ANPED – Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos. Temos 3 projetos em andamento, sendo dois de extensão e um de pesquisa.

Inserido em uma Faculdade de destaque nacional em relação à educação e as questões relacionadas à infância, o Observatório vem propor novas frentes de pesquisa e de luta. Em um contexto de dilapidação dos direitos sociais das juventudes brasileiras, a luta empreendida por esse grupo se torna cada vez mais significativa. Que venham muitos mais anos e que possamos contribuir cada vez mais para o magistral papel educativo, social e político que a UEMG exerce no nosso Estado de Minas Gerais, e “quando penso em minha Terra tanto me lembro da soberba do rico, de sua raiva dos pobres, quanto da desesperança destes, forjada na longa e dura experiência de exploração ou sua esperança que se vai gerando na luta pela justiça” (Freire 2013, p. 48). O observatório escolhe o esperar e por ele lutar juntos às nossas juventudes mineiras, sonhando o sonho necessário, qual seja: o sonho de uma sociedade mais justa e, consequentemente, mais bonita.

Fica aqui o convite aos demais colegas e estudantes de juntar-se a nós nesta luta.

Referências:

- FREIRE, Paulo. A sombra da Manguieira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1992.

PROJETO OLHARES JUVENIS: aproximações entre a Universidade e a Escola

Cláudia Ocelli Costa

Imagem: Acervo Pessoal

No dia 21 de outubro de 2021 a professora Cláudia Ocelli, o professor Francisco Martins e as Bolsistas Maria Luiza Martins e Paula Lorrane Rodrigues reuniram com a equipe gestora da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, em Florestal/MG, para dialogar sobre Projeto de Extensão “Olhares Juvenis sobre políticas de elevação de escolaridade”, desenvolvido naquela instituição a partir de 2020. O projeto tem como proposta ouvir jovens desta escola que participaram do programa de elevação de escolaridade chamado “Telesala”, promovido pelo Governo do Estado de Minas Gerais em 2017. A intenção do encontro foi apresentar as informações coletadas nos depoimentos e uma análise preliminar dos dados levantados até o momento.

Originariamente, o projeto extensionista pretendia, para além da escuta dos jovens atendidos por essas políticas públicas, oferecer oficinas formativas de vídeo, que envolvessem uma conversa dialogada como ferramenta de pesquisa das trajetórias de vidas dos sujeitos. Infelizmente, a pandemia nos forçou a fazer alterações, pois as oficinas foram inviabilizadas. Mesmo com uma dificuldade enorme de acesso aos/às jovens no contexto pandêmico, cerca de três dos jovens proporcionaram as entrevistas que serviram de norte para entender os outros dados proporcionados pela escola.

Muitos estudantes não concluíram o projeto, mas quarenta e um foram aprovados (65%). Destes, dezenove buscaram o ensino médio na modalidade regular, dezessete na EJA e apenas cinco concluíram o Ensino Fundamental. Dados de 2020 revelaram que a grande maioria destes jovens evadiu da escola, especialmente em virtude da pandemia. Situação que permanece inquietando a equipe pedagógica da escola, pelo que apontaram no encontro.



Atualmente, na escola não se desenvolve a modalidade de Educação de Jovens e Adultos, fundamental ou médio. Os estudantes fora da faixa etária que retornaram estão no ensino regular, realizando as mesmas atividades pedagógicas propostas para os demais. No noturno, o esforço da gestão é pela participação nas aulas presenciais, aparentemente sem obter êxito.

O diálogo com a equipe da escola abriu a possibilidade de redimensionamentos nesta proposta de extensão, aproximando ainda mais nossa universidade, a Faculdade de Educação, os Núcleos de Pesquisa e o Observatório das Juventudes, aos quais nos vinculamos, à realidade das escolas de Educação Básica.



Sujeitos e reminiscências da FaE

Mauro Giffoni de Carvalho

Foto: Acervo CenC



Recebo, entre surpreso e agradecido, o convite que me fizeram o(a)s amigo(a)s e colegas do Centro de Comunicação para escrever algumas breves palavras na seção Sujeitos e Reminiscências da FaE.

As contingências em que agora vivemos, com o distanciamento físico imposto pela Pandemia da Covid 19, fizeram-nos repensar e ressignificar a nossa história - espaço de memória marcada pela tensão dialógica entre a lembrança e o esquecimento. Rememorar os fragmentos de minha história educacional (ou no campo da educação) foi como trazer à lembrança a narrativa das palavras que se repetem e as adormecidas pelo tempo.

Parafraseando Bachelard, a memória transcende o tempo cronológico. A Psicanálise também me ensinou que o tempo comporta fixações, rupturas e descontinuidades. Assim, não tenho a menor pretensão de apresentar uma reconstituição cronológica, sobretudo, em respeito à paciência de nossas (o)s leitoras e leitores.

Faço um primeiro deslocamento em relação à minha infância. Venho de uma família cujas finanças não eram folgadas, mas que valorizava muito a educação de sua numerosa prole. Embora via a vida desenrolar-se diante de mim não apenas circunscrita ao espaço escolar, fiz o meu "Curso Primário" na Escola Estadual Professor Leon Renault, onde tive a primeira experiência com o contexto escolar.

Nela, a relação professora-aluno-aluna(o)s dava os primeiros tons da minha educação, felizmente marcado por um ensino interativo, vivo e dotado de significação.

Suspeita-se que professor Mauro, em seu discurso citante, carrega e reproduz em sua metodologia de ensino, muito daquilo que foi citado por suas preciosas professoras com as quais teve o privilégio de interagir na educação primária.

Nessa trajetória de escolarização, foi do mesmo modo importante estudar no Colégio Técnico da UFMG. De lá guardo a lembrança de uma aprendizagem marcada pela liberdade e por significativas mudanças e transformações biológicas, psíquicas e sociais que foram fundamentais para a escolha do curso de Psicologia.

Conhecer o ser humano no conjunto de suas relações sociais, na interseção da subjetividade com a vida grupal e social acentuou em mim a necessidade de compreender o processo educacional. Comecei a trabalhar em escolas de Educação Infantil e de Ensinos Fundamental e Médio que me projetaram para uma nova graduação: a Pedagogia. Este curso me ensinou a importância do pedagogo como um profissional que atua diretamente na prática educativa. É um curso vivo, potente, que busca se adequar às novas condições próprias da sociedade atual, com um corpo de conhecimentos historicamente constituídos, capaz de articular, num conjunto de abordagens sobre a educação e a própria prática educativa.

Nesse percurso, concluí os cursos de mestrado e doutorado, com uma breve passagem como visiting scholar numa universidade inglesa. Foram experiências primordiais para o aprofundamento de questões sobre o processo educativo e a interação em sala de aula.

A leitura e a escuta sob a influência de autores como Piaget, Wallon, Vigotski, Bakhtin *et all*, para não me estender muito nas minhas referências, foram e têm sido o meu solo epistemológico para a compreensão da interação escolar. Na relação educativa, por excelência espaço da dialogia, constroem-se os conhecimentos e habilidades sociais num processo de interação.

Com muito orgulho, tornei-me, em 2009, um professor efetivo de Psicologia da Educação da FaE/UEMG. A convivência com incontáveis colegas e estudantes vem contribuindo, significativamente, para a construção de novos sentidos de minha prática pedagógica. Aprendi, por exemplo, que a nossa prática educativa na FaE vai muito além de nossas aulas e pesquisas. Temos coletivamente construído e partilhado inúmeras atividades de extensão, de gestão, de comunicação, de pós-graduação, entre outras, que vem dando novos sentidos à formação e à prática educativa. Incluiria, aqui, a nossa participação sindical, outrora extremamente engajada, em vista da grave crise política, estrutural e econômica pela qual passa o país, em prol do fortalecimento da classe dos professores de Minas Gerais.

Sem alimentar uma postura reducionista ou ingênua, que supõe transformar a educação a partir do espaço de formação ou eliminar as relações de poder, passei a compreender

melhor a importância de planejar as ações pedagógicas em curto, médio e longo prazos para que sejam possíveis as suas realizações, provocando mudanças mais aprofundadas e com maior participação da comunidade acadêmica. Reconhecer como lícitos e legítimos os diversos espaços para o diálogo e ampliar a escuta ativa dos corpos docente e discente, talvez nos ajudem na construção de novos significados e sentidos concernentes à prática educativa.

A dialogia pode nos levar a compreender a ação educativa como atividade humanizadora em sua inserção nas relações sociais de aprendizagem e de construção do conhecimento.

Encerro essa breve reminiscência lembrando que a narratividade é construída dentro de um espaço dialógico, ou seja, as palavras aqui ditas e esquecidas se articulam com outras narrativas de minhas/meus valorosas(o)s interlocura(e)s. Serei sempre grato pela receptividade e pela reciprocidade da interação da(o)s leitores do FaE-Informa que fazem desse informativo um espaço para reflexão e memória da educação.



Foto: Acervo CenC

EdUEMG seleciona novos Periódicos Científicos

Cristina Alves Meneze Rocha

Foto: Acervo Pessoal

A família Scias está crescendo. Seu mais recente membro será a Revista *Scias* Línguas de Sinais. No dia 18/10/2021 foi divulgado o resultado das revistas aprovadas pela EdUEMG, através do Edital 01/2021.

No último dia 26/10/2021 ocorreu o encontro dos responsáveis pelos Periódicos Científicos recém aprovados, com o vice-reitor e Editor-chefe da EdUEMG, professor Thiago Torres Costa Pereira, para acolher, dar as boas-vindas e conhecer os professores que tiveram seus projetos aceitos. As revistas trazem a diversidade nas temáticas. Sendo elas: Revista Saúde, Corpo e Movimento, Revista Brasileira de Tecnologia, Educação e Ciências Ambientais - Ambiências, Revista Inova Jur, Revista Histórias Públicas e a Revista *Scias* Línguas de Sinais.

A *Scias* Língua de Sinais é um desdobramento do projeto de pesquisa inicial intitulado "Pesquisa e Produção de Revista Eletrônica como meio de Divulgação Científica nos campos do Conhecimento em Educação, Arte e Tecnologia". A iniciativa se deu na parceria dos núcleos de pesquisa da FAE/CBH/UEMG, NECT - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Comunicação e Tecnologia e COED - Núcleo de Pesquisa Sobre Conhecimento e Educação.

A proposta foi desenvolver investigação sobre a produção de revista eletrônica como meio de divulgação científica nos campos do conhecimento em Educação, Arte/Educação e Tecnologia, inicialmente, em idos de 2012.

Este projeto inicial foi exitoso e criou as SCIAS Arte/Educação, sob a coordenação do professor Dr. Fabrício Andrade Pereira, a SCIAS Direitos Humanos, coordenada pela professora Dra. Aline Chocair e SCIAS - Educação, Comunicação e Tecnologia, sob a responsabilidade da professora Dra. Amanda Tolomelli Brescia, e, a mais nova *Scias* está sob a coordenação da Professora Dra. Cristina Alves Menezes Rocha, membro dos núcleos de pesquisa NECT e COED.

A nova Revista é o periódico mais recente da FAE/CBH/UEMG, em parceria com a unidade de Passos e a Universidade Federal de Juiz de Fora, e conta com um Conselho editorial importante para a área da Linguística, sobretudo aplicada às Línguas de Sinais.

Sua proposta é arrojada uma vez que pretende que não apenas textos escritos estejam presentes em diversas Línguas maternas escritas, mas contempla também a valorização das diversas Línguas de Sinais existentes no mundo, e que terão neste periódico a oportunidade de publicar textos sinalizados em cada língua de sinais que puder ser avaliada por pareceristas daquela língua. Pretende-se que o público alvo deste periódico, ou seja, professores, pesquisadores, graduandos e pós-graduandos, Comunidade Surda Brasi -

leira e Internacional, que tenham como foco de seus estudos as Línguas de Sinais se utilizem deste espaço de Inovação para publicarem nas linhas de pesquisas elencadas, aplicadas às Línguas de Sinais:

- 1) Forma e funcionamento das línguas de sinais;
- 2) Pensamento e Linguagem;
- 3) Linguística Histórica aplicada às línguas de Sinais;
- 4) Funcionamento do discurso e do texto sinalizado/Verbalizado;
- 5) Geolinguística e Sociolinguística;
- 6) Linguagem, Pensamento e conhecimento;
- 7) Estudos da Tradução. Para alcançar os objetivos.

É importante ressaltar que os desafios que estão postos para a publicação desta Revista só poderão ter êxito pois teremos ao nosso lado os profissionais e o Know How da EdUEMG, colaborando para que as dificuldades e as possibilidades de visibilidade da Revista SCIAS Línguas de Sinais e das demais revistas ocorra.



Imagem: Acervo da Revista Scias

Reunião dos novos Editores junto à EdUEMG



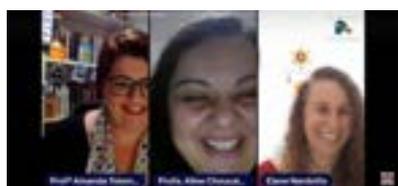
Foto: Acervo Pessoal

Prentes na reunião: na parte superior da foto, da esquerda para a direita: professor Paulo Ricardo Prado Nunes, professor Thiago Torres Costa Pereira, vice-reitor da UEMG e Editor chefe da EdUEMG, Professor Glauber Miranda Florindo, e o servidor Thales Santos, pela Editora. Na parte inferior da foto a professora Daniela Fernanda da Silva Fuzzo, professor Thalles Ricardo Alciati Valim, servidora Gabriella Nair Figueiredo Noronha Pinto, coordenadora da EdUEMG e a professora Cristina Alves Menezes Rocha.

UEMG na Cena

Amanda Tolomelli Brescia e Aline Choucair Vaz

Foto: Acervo pessoal



O projeto de extensão “UEMG na Cena” iniciou no mês de maio deste ano e irá até dezembro/2021, oportunizando mensalmente, a discussão de um filme do campo das Humanidades. Coordenado pelas professoras Amanda Tolomelli Brescia e Aline Choucair Vaz, um/a expositor/a é convidado/a para apresentar um filme e depois questões são abertas para o debate entre os/as participantes por meio do canal do YouTube. Os objetivos centram-se em estimular a análise de filmes e sua articulação com o pensamento científico e as Humanidades, colaborando para a imagem da UEMG em seu aspecto extensionista e de difusora do conhecimento científico. Essa ação é fundamental para favorecer as práticas educativas por meio das tecnologias em um projeto de extensão universitária. Nos encontros já realizados tivemos pessoas de várias localidades do Brasil, de diferentes regiões e culturas, agregando pesquisadores/as, sobretudo da área da Educação.

Os/as expositores/as sobre os filmes são oriundos de Universidades e escolas brasileiras, dentre elas, UEMG, UFF, Instituto Federal da Bahia, PUCMINAS, FioCruz, UFRN, Centro Universitário Newton Paiva e UFJF. Os sete filmes analisados até o momento são: Cinema Paradiso (1988), A onda (2008), Anjos do Sol (2006), O óleo de Lorenzo (1992), O contador de histórias (2009), Preciosa – uma história de esperança (2009), Quanto vale ou é por quilo? (2005) e um último filme que o público vai escolher no mês de dezembro de 2021 (serão colocadas as opções para a escolha). Após o último filme será feita uma pesquisa pela Internet com os/as participantes dos oito UEMG na Cena para saber como se relacionaram com os filmes, encontros e debates. Como produto já tem o canal no YouTube com os debates realizados até o momento: <https://www.youtube.com/channel/UCFv3ULr9e92UoHnoy6pFp2Q>. Assista os encontros e acompanhe os próximos!

Gostinho de querer ler!

Trabalho e emancipação humana em Marx: os Grundrisse

Zaira Rodrigues Vieira*

Jadir Antunes**

“O trabalho de Zaira Vieira é um excelente debate sobre o papel do trabalho como fundamentação ontológica na obra madura de Marx, especialmente nos rascunhos preparatórios de O Capital, os chamados Grundrisse, e o problema da possibilidade de uma acumulação capitalista sem trabalho ali aventado por Marx.

O mérito do livro de Zaira Vieira é o de lidar com uma polêmica que desde os anos 1960 teima em condenar a obra madura de Marx pelo paradoxo do trabalho vivo como fundamento do valor numa época de predomínio quase absoluto do trabalho morto e o de como conciliar certas ideias e passagens dos Grundrisse onde Marx alude especulativamente sobre as possibilidades de uma acumulação capitalista sem trabalho.

O livro, prefaciado pelo professor Ricardo Antunes, contém uma Introdução seguida de quatro capítulos. [...] Zaira Vieira enfrenta a difícil tarefa de debater o problema de como conciliar as especulações de Marx nos Grundrisse sobre a automação do trabalho e o futuro do capitalismo, com a lógica da acumulação apresentada em O Capital e a absoluta dependência do capital em relação a uma crescente exploração da população operária, porém, em conflito com o aumento simultâneo da massa total de capital constante empregado nessa exploração. [...] Enfrenta, ainda, a tarefa de enfrentar a controversa interpretação de gigantes como Postone, Habermas e Kurz em suas defesas de um capitalismo contemporâneo cuja lógica não se explicaria mais pelo trabalho e pelo valor, mas por lógicas alheias ao mundo da produção.

O brilho do trabalho de Zaira Vieira se apresenta aqui ao mostrar que tais autores, mais do que explicarem a lógica da acumulação capitalista pelo mundo da produção e do trabalho, a explicam pela lógica do mercado e da troca. Zaira Vieira argumenta que o erro de tais autores em defender uma acumulação sem fim de capital mesmo em meio a um mundo inteiramente automatizado e sem trabalho, trabalho vivo, se explica por pretenderem explicar a lógica da acumulação capitalista a partir da insuficiência teórica dos Grundrisse.



Foto: Acervo Pessoal

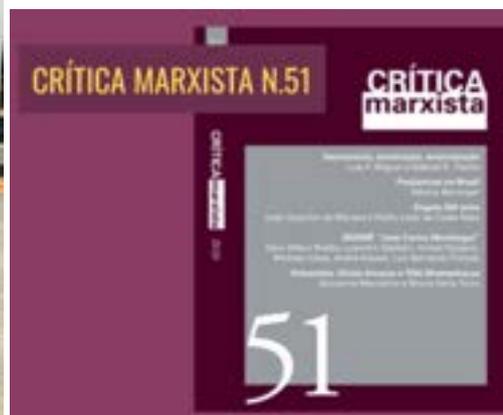


Foto: Acervo do CenC

Segundo Zaira Vieira, o defeito dos Grundrisse em relação ao Capital, e a superioridade deste em relação ao primeiro, se explica pelo fato de nele Marx ainda não compreender o trabalho abstrato como resultado da produção, como sendo «a forma que possui todo trabalho sob o capitalismo» (p. 57), como compreenderá no Capital. Postone, Habermas e Kurz, segundo Zaira Vieira, só poderiam argumentar em defesa de um capitalismo sem trabalho e de uma acumulação sem valor, por terem se apoiado nesta precariedade conceitual dos Grundrisse, na precária ideia de um valor de troca que surge da própria troca e não do trabalho que põe valor e mais valor no interior do mundo da produção, como aparecerá claramente no Capital.

Os argumentos de Zaira Vieira em defesa do trabalho não somente como a condição ontológica fundamental do ser humano, mas, ainda, como a condição ontológica ineliminável do capital e da valorização do valor, são concluídos mostrando que tal determinação ontológica se manteria mesmo num futuro comunista de total liberdade e independência do homem em relação ao trabalho. O trabalho agora, porém, revolucionado pelo próprio capital, não seria mais determinado pelo aspecto da fadiga e do dispêndio de energias, mas, sim, pelo seu aspecto artístico e criativo.

O imensurável valor do trabalho de Zaira Vieira se explica pelo fato de, num mundo quase totalmente dominado pelo discurso da política, da cultura e da crítica aos costumes e à moralidade, retomar teoricamente a

dignidade do trabalho humano e de mostrar que somente através dele poderemos avançar para um mundo abundante de vida, de riqueza e de liberdades individuais”.

Disponível em <https://marxismofeminista.com/critica-marxista-n-51>

*Pós-doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2015), doutora em Filosofia pela Université Paris Ouest Nanterre La Défense (2012); mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004) e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999), Professora efetiva da FaE/BH - UEMG.

** Doutor em Filosofia (2005) pela Unicamp - Universidade Estadual de Campinas SP; Mestre em Filosofia (2002); graduado em Economia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1999). Professor Associado da Unioeste - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - na Graduação e no Programa de Mestrado e Doutorado em Filosofia.

HOJE HOJE HOJE HOJE HOJE HOJE

Ramon Paixão - Sessémeandê

Nesta bela, porém triste manhã, em meio ao caos de uma pandemia, onde nós, há muitas décadas, somos a população que mais morre e continua morrendo, pelas mão (s) de vocês já sabem quem. Me ponho em pleno ensino remoto a me questionar, se valerá à pena, e entendo que só valerá se fizer sentido, então companheiros, peço licença a Conceição Evaristo para parafrasear em letras garrafais: “COMBINARAM DE NOS MACHUCAR, MAS NÓS COMBINAMOS DE NÃO NOS CALAR”.

Hoje cedo,
cedo,
cedinho.

Doeu!
Doi!
Doeria em você?

Digerir!
Digerir?
É pra rir ou para ir?

PARE!
RESPIRE!
SIGA!

mas machuca,
machucou!
machucaria você?

CUIDE-SE.
DE SI!
ARA(corpo), OKÀN(coração), MUTUÈ(cabeça).

Humana?
consciência DE/PARA?
CONSCIÊNCIA ~~humana~~ ÉTNICA-RACIAL.

CUIDADO!
Escute, reflète,
e fala.

Ferida,
que feri,
que não cessa.

BUSQUE...
FORME...
ORIENTE...

Foto: Acervo Pessoal
Crédito da Foto: Leandro Duarte



Literatura com Pipoca

Um bom dia não custa nada!

Janayna Alves Brejo

Foto: Acervo pessoal

Acredito que muitos de vocês já passaram por situações de dar um “bom dia” e não ouvir nenhuma resposta, não é mesmo?

Às vezes, fico me perguntando porque algumas pessoas têm tanta dificuldade de responder a um cumprimento tão simples ou de, pelo menos, retribuí-lo com um sorriso. No entanto, muitas parecem preferir fingir que não escutaram... Também já aconteceu comigo, de responderem com tremenda rispidez: “bom dia, só se for para você, porque o meu já não começou bem”...

Minha indignação sobre a capacidade de não se retribuir um “bom dia” e buscar uma explicação para isso, surgiu já há algum tempo. Eu lecionava na educação infantil e, ao dar um bom dia para uma criança ela simplesmente me respondeu: “hoje estou de mau humor, não responderei seu bom dia”...

Lembro-me que fiquei extremamente indignada por ter uma resposta como aquela de uma criança de apenas cinco anos. Então eu respondi: “vamos mudar esse mau humor, pois teremos um dia muito divertido pela frente”. Naquele momento ela não aceitou prontamente a minha sugestão, mas pouco a pouco, deixou aquela atitude ranzinza de lado e viveu uma manhã feliz na escola.

O que eu me perguntava após o ocorrido era: teria aquela criança repetido esse comportamento de não “bom dia” de um adulto? Afinal, não combinava, nem um pouco com uma criança tão pequena...

Comportamentos assim, muitas vezes, nos deixam desconfortáveis, sobretudo quando o “não bom dia” vem de um adulto. Daí começamos a nos questionar: será que continuo tentando cumprimentar aquela pessoa ou desisto de uma vez?



Será que ela está com algum problema e por isso não me respondeu? Será que falei baixo demais e, por isso, não me escutou?

Pois bem, o desconforto de quem dá um bom dia e não o recebe de volta fica na busca de uma explicação para essa atitude...

Certo dia, ainda refletindo sobre isso, li uma frase que me fez lembrar dessas pessoas que simplesmente ignoram um bom dia: “Não adianta ter mestrado e doutorado e não cumprimentar o porteiro” (Mallone Alves). Essa frase me tocou tão profundamente que jamais me esqueci dela, sobretudo porque, acredito que cumprimentar uma pessoa é um ato de gentileza, de educação, de humanidade e, ações como essas, precisam ser cultivadas em nosso dia a dia e jamais silenciadas.

Quando se recebe um bom dia e não se corresponde, damos aos outros a impressão de que nos sentimos superiores, de que não gostamos deles(as) ou até mesmo, de que não é necessário responder a um cumprimento de quem não conhecemos...

Mas será que tais justificativas procedem?

Se você dá bom dia e também os responde, fique tranquilo(a), pois essa atitude demonstra que você deseja e/ou retribui ao outro desejos de um dia tranquilo, de um dia de paz, de um dia de alegria, de um dia bom e produtivo...

Porém, se você não possui esse hábito... que tal imaginar-se entrando em um elevador com duas ou mais pessoas lá dentro...Daí, você dá um “bom dia” e recebe de volta apenas o silêncio como resposta... O que acha disso? Que tal se colocar no lugar dos outros?

A importância de dizer “bom dia” concretiza-se em sua capacidade de transformar tristeza em alegria; é como abrir um livro quando se está desanimado e ler uma frase que mais parece um empurrão para você continuar, para seguir em frente e não desistir.

O valor de um “bom dia” expressa o tamanho que você der para ele e, se vier com um sorriso tende a ser muito mais acolhedor. E... ainda por cima... não custa nada e pode representar muito para quem o recebe...

Portanto, a minha proposta aqui foi convidá-los(as) a pensar que em simples palavras cabe um grande gesto, uma enorme intensão e sentimentos de generosidade, quando saem do coração.

O mundo às vezes parece tão complicado, tão agitado, tão descontrolado... Não é mesmo? E, sem um “bom dia” fica ainda mais insensato... Que tal então, tentarmos minimizar essa loucura do dia a dia, olhando para as pessoas e lhes desejando “bom dia” e porque não dizer, adaptando também o relógio: boa tarde! Boa noite!

E aí, já deram um “bom dia” hoje?

Um “bom dia” doce para vocês...

Até a próxima!



Foto: Acervo pessoal

Teses e dissertações de nossos docentes

Foto: Acervo pessoal



Tese: OS DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA: a experiência da Universidade do Estado de Minas Gerais.

A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo conhecer os processos de construção da gestão da Universidade do Estado de Minas Gerais a partir da análise dos processos que ocorrem em seu Conselho Universitário. Para tanto, identifica os órgãos colegiados superiores que constituem a estrutura de gestão dessa Universidade; analisa a configuração e a dinâmica de funcionamento do seu Conselho Universitário e conhece a percepção dos membros desse Conselho a respeito de sua atuação no processo de gestão da Universidade.

Os órgãos colegiados superiores são reconhecidos como instrumentos de gestão e suas deliberações e formas de funcionamento são fatores que intervêm na estrutura organizacional da instituição pública de educação superior. Considerando-se que esses órgãos colegiados superiores se constituem em espaços de construção de processos democráticos, sendo *locus*

de participação e decisão sobre demandas pedagógicas, administrativas e financeiras, parte-se do pressuposto de que a gestão de uma instituição pública de educação superior se configura como democrática a partir da relação que se estabelece entre os princípios democráticos presentes nas normativas legais, a existência de instâncias representativas de debate e decisão e a efetiva atuação dessas instâncias. Partindo desse entendimento e no sentido de aprofundar o conhecimento sobre o tema, este estudo apresenta como foco de interesse o Conselho Universitário da Universidade do Estado de Minas Gerais, seu órgão máximo de deliberação, priorizando sua dinâmica de funcionamento e seu papel no processo de gestão institucional.

A presente pesquisa classifica-se como qualitativa e os procedimentos metodológicos que a norteiam são a pesquisa bibliográfica, o estudo de caso, a análise documental e a entrevista semiestruturada. A pesquisa bibliográfica contempla os temas da gestão democrática na educação pública e da gestão na educação superior; a análise documental compreende a consulta às normativas que regem o funcionamento do referido Conselho, como o Estatuto e o Regimento Geral da Instituição, bem como atas de reuniões e demais documentos institucionais a ele relacionados; por sua vez, a entrevista semiestruturada conta com a participação de nove integrantes com maior tempo de assento no respectivo Colegiado. Alguns elementos trazidos pela pesquisa demonstram a importância dos princípios democráticos assegurados pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, como garantia da existência de espaços colegiados de diálogo, que permitam o confronto de ideias.

Especificamente em relação ao Conselho Universitário da Universidade do Estado de Minas Gerais, cabe mencionar que a sua dinâmica de funcionamento, atenta aos ritos de condução das reuniões, é percebida pelos entrevistados como garantia da manutenção de um espaço democrático de fala; que os conselheiros compreendem como relevante o exercício da representação democrática do segmento institucional do qual fazem parte, conquistado

por meio do voto; conselheiros compreendem como relevante o exercício da representação democrática do segmento institucional do qual fazem parte, conquistado por meio do voto; consideram ser o Conselho um espaço de defesa da autonomia institucional, instância de resistência às ingerências externas, especialmente oriundas de ações governamentais, devido, entre outros aspectos, à falta de conhecimento sobre a Universidade; e que, sobretudo, manifestam a percepção de que participar do Conselho significa, em última instância, participar da construção da gestão da Universidade.

Palavras-chave: Gestão democrática. Gestão da Educação Superior. Órgãos colegiados na Educação Superior. Princípios democráticos.

Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13538>

PPGE/FACED/UFJF (Programa de Pós-Graduação em Educação/ Faculdade de Educação/Universidade Federal de Juiz de Fora)



Foto: Acervo do UFJF

Teses e dissertações de nossos docentes

Cristiane Lopes da Costa Veloso

Foto: Acervo Pessoal

Dissertação: CARTOGRAFANDO: a escola como território reinventado.

Esta pesquisa parte da inquietação que diz do desejo de uma educação de qualidade frente aos desafios do mundo contemporâneo, que seria uma educação para a sustentabilidade e para a multidimensionalidade do ser humano.

Ao questionar quais seriam as competências a serem desenvolvidas pela escola, tem-se a hipótese de que uma visão de qualidade de educação para atender as necessidades de sustentabilidade e de multidimensionalidade do ser humano não têm sido sequer um campo de lutas sociais, emergindo a problematização que pretende identificar o desejo socialmente construído estruturante da ideia de educação de qualidade, o real social que permite esta educação mercadoria, e quais seus possíveis pontos de fuga.

Assim, propõe-se como campo conceitual o estudo dos processos de subjetivação: produzidos numa lógica macropolítica, que potencializa a educação mercadoria como educação de qualidade, garantindo o modo de vida de uma sociedade marcada pela lógica do mercado (território da educação vigente). Por uma lógica micropolítica, se diz da subjetividade em constante transformação, e traz as potenciais forças de criação de mundo (desterritorialização), desencadeando outros territórios de desejo de educação de qualidade (reterritorialização) rompendo com o território desta educação de qualidade macropoliticamente naturalizada como mercadoria.



Neste campo do desejo, um recorte de realidade é proposto como matéria de pesquisa, pois, entre os meandros macropolíticos e micropolíticos, a pesquisadora, numa perspectiva autobiográfica cartográfica, compõe territórios do desejo de educação de qualidade, fundamentados em paisagens psicossociais, em torno de memórias, afetos, sensações vivenciadas nestes territórios e nos processos de desterritorialização vivenciados. Toma-se como ponto de fuga, o sensível, uma dimensão do desejo que emerge como fonte potencial para uma reterritorialização. Na cartografia autobiográfica, através da personagem-pesquisadora-narradora é possível o recorte da realidade, dando forma ao processo de territorialização-desterritorialização - reterritorialização, como um esforço criativo de uma perspectiva teórico-crítica da realidade.

Faz-se uma interlocução com os fatos da realidade através de artigos veiculados na mídia que perpassam a ideia de educação de qualidade. A interlocução também ocorre por meio de apropriação de imagens que dialogam com os pensamentos e suas multiplicidades, e por fim, a cartógrafa cria interlocutoras ficcionais, como um esforço de encontrar as subjetividades e territorializá-las.

PALAVRAS CHAVE: educação de qualidade, território, arte, urbanidades e sustentabilidade.

Universidade Federal de São João Del-Re. Programa Interdepartamental de Pós-graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade - PIPAUS



Foto: Acervo do UFSJ

Livros e artigos de docentes da FaE

Daniel Ribeiro de Almeida Chacon (FaE/CBH/UEMG)

Foto: Acervo pessoal



Com muita exultação, reproduzo aqui o texto de apresentação do nosso livro Pedagogia da resistência: escritos a partir da vida e obra de Paulo Freire:

“A presente obra encontra sua mais profunda realização nos desafios radicais que a realidade brasileira nos impõe. Com extremo pesar e indignação, testemunhamos um cenário taciturno de apogeu do espírito do obscurantismo anti-intelectual, do negacionismo científico, do fundamentalismo religioso, da negação da humanização de outrem, numa oferta da vida e dignidade dos(as) esfarrapados(as) deste mundo como sacrifício aceitável em nome do deus mercado.

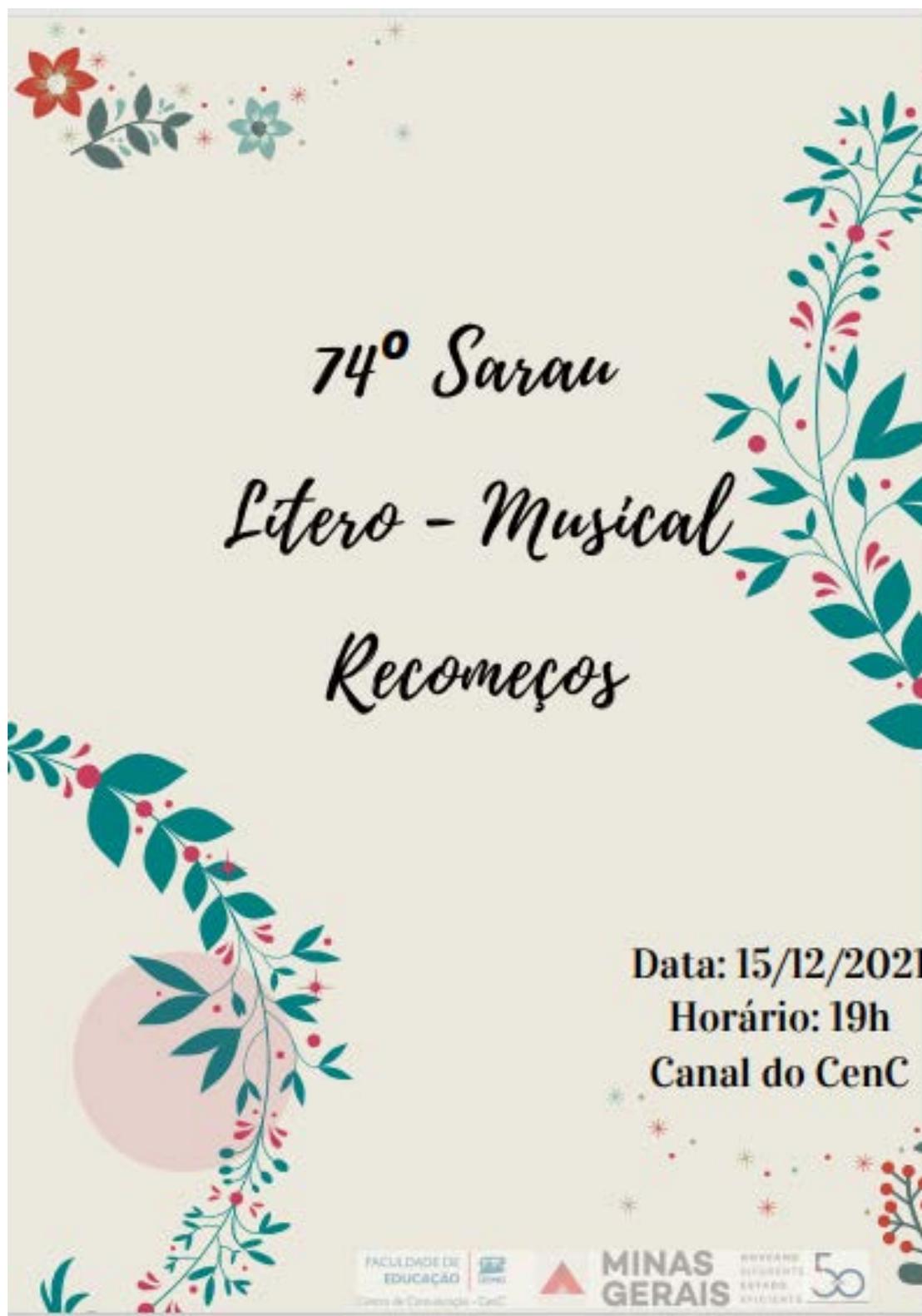
Nossa realidade é, assim, profundamente marcada pela institucionalização de políticas necrófilas que irremediavelmente violam e sacrificam a vida da população, sobretudo daquela mais frágil, drasticamente silenciada e socialmente inaudita que, de um modo ou de outro, encontra-se desprezada e à mercê de sua própria desventura.

Com efeito, uma Pedagogia da Resistência torna-se sobremodo imperiosa. Nesse sentido, no ano em que se completa o centenário de nascimento do Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, realizamos aqui um retorno crítico ao seu legado. A partir dos postulados de sua filosofia da práxis, ou seja, inspirados por uma pedagogia do(a) oprimido(a), manifesta em sua vida e obras, procuramos encontrar elementos que nos ajudem na luta histórica e social hodierna.

Dessarte, nosso esforço aqui de pensar os contributos dos postulados freirianos para a nossa realidade social, educacional e política não se reduz à publicação de um específico comentário. Compreendemos, pois, que uma mera reprodução dogmática dos postulados freirianos seria, em si mesma, um contrassenso. Portanto, pensar Freire desassociado das importantes questões que nos interpelam na atualidade seria o mesmo que desdizê-lo.

Ora, o legado freiriano é, assim, uma presença viva, uma interpelação ética e um desafio radical de compromisso com os(as) deserdados(as) e condenados(as) da terra, na conquista da dignidade humana. Nesse horizonte, ainda que em meio à densas trevas, reafirmamos, nesta obra, como classe oprimida, e em intrínseca comunhão com os(as) mais desafortunados(as), nossa esperança, nossa força, nossa resistência, e, desse modo, nossa própria brasilidade, que nos conduz, assim, a entoar corajosamente que: ‘verás que um(a) filho(a) teu(tua) não foge à luta’”.

Convite para o 74º Sarau Lítero - Musical da FaE/CBH/UEMG



*74º Sarau
Lítero - Musical
Recomeços*

**Data: 15/12/2021
Horário: 19h
Canal do CenC**

FACULDADE DE
EDUCAÇÃO 
Centro de Convivência - CenC

 **MINAS
GERAIS**  **50**
BORRÃO
SUFICIENTE
PAZADO
EFICIENTE